CURSO LATINO-AMERICANO DE
ECUMENISMO E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

ECUMENISMO EM TEMPO DE GUERRAS: ACOLHIMENTO E LUTA POR PAZ, COM JUSTIÇA SOCIAL

01 a 16 de julho de 2022

COMPROMISSO ECUMÊNICO CONTRA AS GUERRAS E EM FAVOR DA PAZ.

Nós, participantes e coordenação do Curso Latino-americano de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso, reunidos de 01 a 16 de julho de 2022, via online, vimos nos manifestar diante da situação vivida em nossos países – Brasil, Cuba, Equador e Venezuela –, com algumas guerras divulgadas ao extremo e outras guerras invisibilizadas pelas mídias e pelos governos, que têm interesses no que a guerra pode oferecer a grupos privilegiados, em termos de poder político e econômico, em detrimento da população que vive as consequências, como os horrores da fome, violência e morte. Vimos, em consequência, assumir o compromisso de participar ativamente nas iniciativas de diálogo ecumênico e inter-religioso e de realizar atividades em favor da paz, que envolvam pessoas e grupos para além de sua pertença religiosa.

I. REPUDIAMOS E DENUNCIAMOS:

1. As guerras visíveis

Como exemplo das tantas guerras "visíveis", destaca-se a promovida pelo núcleo de poder que controla a Rússia contra a unidade territorial e a independência da Ucrânia. É uma guerra cujas raízes históricas são complexas, e da qual não vemos com clareza a configuração e os interesses das forças que se aglutinaram em torno às partes em conflito. Mas que, com certeza, coloca toda a humanidade à beira da catástrofe.

O tráfico mundial de drogas, que põe em risco a juventude de todas as nações, apresenta-se como outra guerra "visível", que tem por trás financiadores invisíveis, que se aproveitam da miséria das populações marginalizadas.

São assustadores também os fundamentalismos religiosos e políticos e a guerra que os grupos fundamentalistas fazem contra os avanços dos direitos ligados a questões da diversidade de gênero, dos direitos reprodutivos e à liberdade de escolha de vivência da sexualidade.

2. As guerras invisibilizadas

Entre as guerras invisibilizadas destacamos a "guerra não convencional", que envolve a guerra econômica, a serviço do capitalismo transnacional e seus privilegiados, a guerra midiática, que manipula as informações e a questão do tráfico internacional de pessoas. Soma-se a essa a violência sexual contra as mulheres, o abuso dos vulneráveis da sociedade, por questões de gênero, de origem étnica, opção religiosa e política, além da exploração e destruição da natureza.

3. As consequências das guerras

Reconhecemos como consequências das diversas formas de guerra acima denunciadas e ilustradas, o empobrecimento acelerado da população, o aprofundamento das desigualdades sociais, a exclusão social, a destruição da vida, a contaminação do meio ambiente, a destruição do patrimônio natural e cultural, gerando enfermidades provocadas por dejetos químicos, pelas radiações e o envenenamento das águas. Resultado de todas essas catástrofes é a generalização da fome e das enfermidades.

Reconhecemos que o compromisso que hoje assumimos exige, de cada um de nós, a luta cotidiana contra nossas fragilidades, que se manifestam na falta de tolerância e falta de empatia, ambição, rivalidades, atos de crueldade e se transformam em ódio contra pessoas e grupos.

II. A PAZ QUE QUEREMOS CONSTRUIR PARA VENCER AS GUERRAS

Quando desejamos a paz e por ela lutamos , ela é adjetivada a partir da nossa escolha política, a partir da fé e concepção que assumimos.

1. Uma paz que dialogue com todos os setores da sociedade e com todas as tradições religiosas para a construção da justiça social e de um estado laico.

2. Uma paz que fortaleça e valorize a economia solidária e os demais movimentos sociais e que promova a preservação do meio ambiente, com práticas de sustentabilidade, defesa da Amazônia, fim dos garimpos ilegais.

3. Uma paz que respeite a democracia, a Constituição Federal, o estado democrático de direito e as instituições – três poderes – na busca de igualdade de oportunidades.

4. Uma paz que faça enfrentamento a todo tipo de intolerância religiosa, de gênero, de cor, de classe social.

5. Uma paz que busque uma educação crítica e libertadora, contrapondo-se ao modelo de educação neoliberal e fundamentalista que temos hoje.

6. Uma paz que promova a dignidade, a igualdade, equidade e a fraternidade entre os seres humanos; preserve toda a criação e cuide da casa comum, com amorosidade e responsabilidade.

7. Uma paz construída sem armas, com unidade na diversidade, tendo como critério os princípios éticos propostos por todas as crenças da terra.

8. Uma paz que nasça da democratização da posse e do uso da terra, com a valorização da agricultura familiar, da reforma agrária popular, bem como a produção de alimentos saudáveis com o fim dos agrotóxicos e a destruição dos grandes latifúndios e da escravidão.

9. Uma paz que promova a reforma urbana, que traga moradia digna para todas as pessoas.

10. Uma paz que garanta a existência dos povos originários e das comunidades quilombolas.

III. COMPROMISSOS QUE ASSUMIMOS EM FAVOR DA PAZ, NOS TERRITÓRIOS ONDE ATUAMOS

A partir das reflexões proporcionadas pelo curso, aliadas à nossa concepção de guerra e de paz, assumimos compromissos, pessoais e coletivos, ao retornar aos territórios onde atuamos, nos espaços religiosos, sociais e/ou políticos.

1. Promover, no âmbito do diálogo interreligioso, fóruns de debate em torno de temas nos levem à ações de mudança, como o desarmamento nuclear, o acesso de todos/as à alimentação saudável e à saúde.

2. Oferecer uma formação permanente para compreender as realidades e propor ações de enfrentamento para sua superação.

3. Fortalecer os Movimentos Populares e entidades que atuam em defesa da vida e da paz.

4. Construir uma rede de forças, unificando e conscientizando os pequenos grupos, desde as periferias até intelectuais de universidades públicas e comunitárias, lideranças populares e sindicais do campo e da cidade, lideranças políticas do campo de esquerda, organismos e igrejas. Criar espaços de diálogo para a construção de ações concretas frente estas realidades em vista do bem viver da humanidade, da nossa casa comum e de toda a criação.

5. Nos envolver com a campanha de candidatos e candidatas que lutam a favor da democracia, e buscar elegê-los para formar bancadas antifascistas em toda a América Latina. Tudo isso para a construção de um projeto popular comprometido com a vida e a paz.

6. Promover encontros de reflexão, incentivando em nossas casas o amor e o respeito ao diferente de nós na família e na sociedade, acolhendo-os e defendendo-os.

7. Trabalhar nas religiões/igrejas a conscientização e o compromisso com uma cultura de paz formando uma consciência crítica, alinhando a doutrina com práticas libertadoras.

8. Assumir compromissos concretos e nos inteirar a respeito dos conselhos governamentais nas nossas regiões, buscando a luta pela paz e a recusa ao uso de apelos às doutrinas religiosas, aceitando-as e respeitando-as numa perspectiva decolonial.

9. Assumir o acolhimento aos vulneráveis, às suas causas, apoiando sua organização pela busca de seus direitos.

10. Continuar trabalhando com a leitura popular da Bíblia, entre os cristãos, dando visibilidade às violências do cotidiano, confrontando-as com o evangelho e propondo ações transformadoras a serem assumidas, nas pastorais, no CEBI, nos movimentos e organizações populares.

11. Denunciar as injustiças e não se omitir diante das violências, tendo coragem de construir a paz e assumir o nosso papel na construção de uma sociedade melhor, desarmada e que prioriza a vida.